



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

GÊNERO E GERAÇÃO: A CONFIGURAÇÃO DOS PAPÉIS SOCIAIS ATRIBUÍDOS À MULHER NAS COMUNIDADES KAIOWÁ E GUARANI CONTEMPORÂNEAS DE MATO GROSSO DO SUL

Nívia Maria Trindade dos Santos¹; Levi Marques Pereira²

UFGD-FCH – C. Postal 533, 79804-970 – Dourados – MS, E-mail: niviatrindade01@gmail.com

¹ Acadêmica de Ciências Sociais. ² Orientador Pós-Doutor em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas. Docente na Faculdade Intercultural Indígena e no Mestrado em Antropologia da UFGD.

RESUMO

No presente trabalho procuramos compreender algumas transformações nos papéis sociais atribuídos à mulher nas famílias kaiowá e guarani contemporâneas de Mato Grosso do Sul. Realizamos o trabalho de campo com acadêmicos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados, traçando um paralelo com os papéis femininos considerados como tradicionais, veiculados nas entrevistas ou nas leituras de textos etnográficos, com os papéis por eles descritos. O objetivo é entender como essas transformações geradas pelo contato com o entorno e pela a entrada das mulheres no mercado de trabalho realocam signos de poder, prestígio e status social, rearticulando as relações de gênero no interior das famílias e, conseqüentemente, nas comunidades.

Palavras chave: 1) Antropologia Indígena; 2) Diferença geracional.

INTRODUÇÃO

Iniciamos o presente artigo com uma breve caracterização etnográfica dos Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul, com destaque para as relações de gênero e as transformações ocorridas na paisagem natural e na configuração das comunidades a partir do estabelecimento e consolidação da presença das frentes de expansão econômicas. Em seguida, apresentamos as condições de realização da pesquisa de campo, os dados que conseguimos

levantar e as discussões e análises que foram possíveis de realizar para a finalização do presente artigo.

Breve caracterização etnográfica

Em termos linguísticos, os Guarani e os Kaiowá são classificados como falantes de língua guarani. A proximidade linguística também se expressa em semelhanças na organização social e outras formas de expressão cultural (SCHADEN, 1974). No Brasil, são divididos em etnias: a) os Ñandeva, que em Mato Grosso do Sul se denominam simplesmente com Guarani, e vivem no interior dos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraguai; b) os Kaiowá, no Paraguai e Mato Grosso do Sul e; c) os Mbyá, que habitam o litoral sul e sudestes do Brasil, e que dispõem de aldeias em países vizinhos do Cone Sul. Esses grupos apresentam estruturas sociais e sistemas cosmológicos similares.

É no *tekoha* (teko= modo de ser e ha= lugar onde) que as comunidades guarani e kaiowá vivem segundo sua organização social e seu sistema cultural. O *tekoha* é o espaço de realização do *ñande reko*, o modo próprio de ser e de viver kaiowá e guarani (Meliá, Grünberg & Grünber, 1976). O principal articulador dentro do *tekoha* é o líder religioso, homem sábio de poder e prestígio (PEREIRA, 1999).

Embora o *tekoha* seja reconhecido na etnografia kaiowá como unidade básica de organização social, ele não é político e socialmente um todo homogêneo (BRAND, 1993; PEREIRA, 1999). Isto porque o *tekoha* é composto por parentelas que dispõem de relativa autonomia na esfera política e religiosa. É por esse motivo, que os trabalhos mais recentes preferem definir o *tekoha* como uma rede de alianças matrimoniais, políticas e religiosas, entre parentelas entre um número restrito de parentelas (PEREIRA, 2004).

As parentelas são denominadas pelos kaiowá como *Che ñemoñáre*, *che jehuvy* ou *che r'eyi kuera*, elas são compostas por número variável de fogos familiares que se distribuem em torno do centro político, que representa o interesse do seu grupo familiar. É no âmbito da parentela que se pautam as relações de reciprocidade econômica. Elas constituem-se como:

“Um grupo não linear organizado em torno de um líder de expressão que, como cabeça de parentela, reúne em torno de si seus parentes próximos e aliados. A parentela tem um caráter de grupo relativamente estável no tempo, muito atuante na vida social, o que se torna visível nos momentos de crise (conflitos, ameaças sobrenaturais), quando se mobiliza para a defesa de seus membros ou para o atendimento dos interesses em comuns.” (PEREIRA, 1999, p. 85)

O pertencimento à parentela reforça as relações de parentesco, mas o fator predominante se dá pela “aplicação de critérios relativos ao contexto político e de residência, e expressa um sentimento de identificação e solidariedade com o grupo e, especialmente, com o seu cabeça –*hi’u*.” (Idem, p. 92) Aqui, a mulher tem importante papel enquanto articuladora política e mediadora de conflitos.

“A etnologia muitas vezes registra o papel da mulher como produtora e reprodutora da sociedade, ocupando ainda um lugar importante nas atividades produtivas, devido aos padrões de divisão sexual do trabalho. Na sociedade kaiowá, além desses papéis, a mulher é um importante operador político: ela parece atuar de forma determinante na agregação das parentelas, reunindo parentes distantes e incorporando crianças adotivas -*guachos* que representam um número considerável de pessoas nesta sociedade.” (Idem, p. 103)

A unidade sociologia mínima no interior da parentela é o fogo familiar – *Che ypyky kuera* – que se refere aos parentes mais próximos. Segundo Pereira, “o pertencimento a um fogo é a pré-condição para a existência humana na sociedade kaiowá” (Idem, p. 81). Esse pertencimento é imprescindível, pois, “o fogo prepara os alimentos, protege contra o frio e em torno dele as pessoas se reúnem para tomar o mate ao anoitecer e amanhecer” (Idem).

Segundo o mesmo autor, “Idealmente, o fogo reúne um homem, seus filhos e filhas solteiros (consanguíneos) e sua esposa” (Idem, p. 82), porém, empiricamente, as variações são comuns, podendo “reunir pessoas ligadas por quatro tipos de relações: consanguinidade, decência, aliança, e uma relação de pseudoparentesco, através da instituição da adoção ou criação de uma criança” (Idem).

O papel da mulher na instituição e funcionamento cotidiano do fogo familiar é central, “O fogo era e continua sendo controlado por mulheres, o que lhes assegura o poder de unir e alimentar seus integrantes. Sem mulher não há fogo, reconhecem os kaiowá.” (PEREIRA, 2009, p. 87)

Atualmente, o cenário é de significativas mudanças. Pereira (2009) aponta que a parentela “perdeu muitas de suas atribuições econômicas, políticas, festivas e rituais. O contrário aconteceu com o fogo doméstico que ampliou sua importância e passou a gozar de maior autonomia.” (p.86) e isso certamente se reflete em rearranjos dos papéis sociais e políticos atribuídos aos gêneros.

Em um estudo sobre o impacto da perda de terra sobre a tradição Kaiowá e Guarani, o historiador Antônio Brand aponta que com a com o confinamento territorial e a inviabilização do modo de ser tradicional, os homens têm de se submeter ao trabalho assalariado.

“O processo de confinamento implicou na perda e destruição de parte significativa das aldeias tradicionais, sendo sua população transferida pra dentro das Reservas, onde se verifica evidente superpopulação e sobreposição de aldeias. Com o esgotamento dos recursos naturais, os Kaiowá/Guarani são obrigados, especialmente a partir de 1980, a se engajar progressivamente como assalariados nas usinas de álcool. Verifica-se, ainda, profundas alterações no meio ambiente do território tradicional, hoje desmatado, mecanizado e ocupado por monoculturas.” (BRAND, 1997, p. 11)

Com a saída dos homens das aldeias é sobre as mulheres que pesam a responsabilidade da administração doméstica.

“É efetivamente sobre as mulheres que pesam mais as dificuldades provocadas pelo assalariamento dos homens e pela redução das lavouras internas. São elas que respondem, no dia-a-dia, pela comida dos filhos que permanecem junto a elas nas Reservas.” (Idem, p. 217)

Além da questão territorial, que inviabiliza o modo de vida tradicional, um novo modo de ser chega às aldeias pelo contato com o entorno, com as mídias, igrejas e etc. e que, segundo Brand, acabam por impor não somente o confinamento geográfico, mas, acima de tudo uma espécie de cerco cultural, já que o *ava reko*, ou modo de ser indígena, vai sucumbindo frente ao *karai reko*, o modo de ser não indígena (BRAND, FERREIRA, AZAMBUJA, 2008).

Se tradicionalmente havia a divisão sexual do trabalho nas famílias kaiowá e guarani, reproduzindo o comportamento dos deuses em seus fogos, evidenciados pelos mitos, pois nos planos celestes:

“[...] os homens com suas rezas derrubam a mata estendendo um fio por entre as árvores, rezando e depois puxando. Tudo é feito sem esforço e sem necessidade do machado. Uma vez preparada a terra, enviam as mulheres para semearem, em seguida os homens rezam para a lavoura crescer e, em seguida as mulheres retornam pra realizar a colheita, pois as plantas já amadureceram. A diferença em relação às roças dos humanos é que tudo aí é realizado sem muito esforço e a colheita é farta e rápida, mas as distinções e complementaridades nas tarefas em relação aos papéis sexuais são idealmente idênticas.” (PEREIRA, 2009, p. 90)

Atualmente a situação se altera e as mulheres começam a trabalhar fora, fazendo surgir novos papéis, como professoras, agente de saúde, empregadas domésticas, e como expõe Pereira, pode gerar conflitos já que: “O salário é considerado uma boa remuneração para o padrão econômico do grupo, além de ter caráter permanente, agregando uma série de vantagens sociais para essas mulheres.” (Idem).

DESENVOLVIMENTO

Pesquisa de campo: a experiência com mulheres indígenas

O primeiro contato que tive com indígenas foi em 2012, no Tribunal Popular da Terra, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, um julgamento simbólico que visava analisar as arbitrariedades jurídicas do Estado Brasileiro e julgar alguns crimes que acontecem contra as populações mais vulneráveis do país. Nesse primeiro contato o estranhamento foi enorme. Eu, então com 18 anos, acabara de completar o ensino médio, vinda de uma cidade interiorana, a cerca de 200 Km de Dourados/MS, sem qualquer contato com essa temática e sem muita experiência fora de casa. Julgava-me uma pessoa sem preconceitos e defendia a alteridade, mas ao estar diante do “outro”, tão diferente e tão distante da minha realidade e do meu imaginário, foi um choque enorme. Ao mesmo tempo, a experiência me possibilitou um grande crescimento, e eu comecei a refletir como é difícil respeitar, entender e “humanizar” relações tão distantes. Parece haver um enorme abismo entre o mundo indígena e o nosso, embora estejam geograficamente não muitos distantes, e mesmo as pessoas se encontrando, conversando, interagindo, a distância está sempre presente. Como coloca Todorov, no livro “A Conquista da América: a questão do outro”:

“cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente do meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber o outro como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma sociedade que dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproxima de nós, no plano cultural, moral ou histórico, ou desconhecido, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo”. (TODOROV, 1996, p.3)

Mas esse outro diferente de mim, ao mesmo tempo em que me causou estranhamento, me causou também curiosidade, me permitiu enxergar que existem outras humanidades possíveis. Com a pesquisa eu puder conhecer melhor esse outro, superar essa percepção da diferença. Eu visitei a aldeia, participei de discussões e aprofundei meus conhecimentos sobre a temática indígena.

Em campo optei por trabalhar prioritariamente com as mulheres do curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu*¹, a opção se deu pela facilidade de acesso às etapas presenciais do curso e a possibilidade de aliar a pesquisa à prestação de serviços junto a equipe que cuida das crianças indígenas cujas mães são acadêmicas. Essa participação permitiu o convívio mais próximo com essas mulheres bem como as babás que as acompanham com o objetivo de me aproximar da temática elegida no Plano de Trabalho, qual

¹ O *Teko Arandu* é um curso de licenciatura específico, criado em 2006, pela Universidade Federal da Grande Dourados, destinado, segundo o Projeto Pedagógico, à formação em nível superior dos professores Guarani e Kaiowá e para a implantação de escolas indígenas específicas, bilíngues e interculturais.

seja, a (re)construção dos papéis e representações sociais atribuídos à condição de mulher jovem nas comunidades kaiowá e guarani.

No início da pesquisa de campo fiquei na brinquedoteca, auxiliando nos cuidados com as crianças, fazendo as primeiras observações e procurando conhecer e interagir com as jovens mães e com as babás. Isso foi bastante importante, pois o modo como as crianças agem pode dizer muito a respeito do tipo de relação que estabelecem com suas mães e do tipo de ensinamento que recebem.

As crianças menores normalmente são acompanhadas por suas babás, que são na maioria das vezes suas próprias parentes, com idade entre dos 11 a 17 anos. A impressão que tive foi que as crianças choram com pouca frequência e intensidade, mas quando as crianças esboçam a intenção de chorar, rapidamente são acalmadas por suas babás.

Nas crianças com idade de 4 a 10 anos a diferença entre crianças indígenas e não indígenas me foi bastante sensível, as crianças indígenas aparentam ser muito mais calmas. Dificilmente brigam ou procuram confusão, não falam alto, não tem relação de posse com os brinquedos e podem cedê-los para as outras crianças sem nenhum problema. Mas é certo que há algumas exceções, algumas crianças parecem que preferem brincar sozinhas, cada uma em seu canto ou em pequenos grupos. Isto pode ser devido ao fato de virem de várias aldeias e nem sempre se conhecerem, sendo que aos poucos vão constituindo grupos.

Esses comportamentos confirmam a ideia de que “ser calmo é uma virtude importante para os Kaiowá/Guarani” (ROSSATO, 2002, p. 42). Durkheim, quando discorre sobre o papel da educação na sociedade, afirma que cada sociedade fixa um certo homem ideal, sendo esse ideal o norteador da educação. Silvestre, que desenvolveu sua pesquisa de doutorado sobre a juventude kaiowá e guarani, afirma que “toda a educação guarani e kaiowá é baseada no *teko porã*, o modo de vida bom e belo. O bom guarani e kaiowá é aquele que respeita os mais velhos, que não é violento.” (SILVESTRE, 2011, p. 185)

As crianças não são receptáculos de papéis, elas são ativas na constituição das relações sociais em que se engajam, interagindo com adultos, com outras crianças e com o mundo (COHN, 2005). Pude perceber isso com maior intensidade nas crianças indígenas, elas têm muita autonomia; são mais livres, entram e saem da brinquedoteca e sala de aula de aula dos seus pais quando bem entendem. Também podem ficar correndo por todo o canto e rolando na grama sem nenhum problema, pegam seus lanches por conta própria e na quantidade que desejarem, sem que orientações ou repressões dos adultos o tempo todo. O

mais incrível é que fazem isso de maneira natural, sem maiores perturbações ao ambiente e com um mínimo de alteração nas atividades dos adultos.

Minhas observações foram semelhantes as da pedagoga Mirian Lange Noal,

“não encontro gritos, repreensões, preleções, recomendações dos adultos para as crianças ou das crianças maiores para as menores. As crianças se movimentam com liberdade e fazem tudo que querem e conseguem fazer sem a interferência de outros. No entanto, é perceptível a existência de princípios educativos que se refletem nas interações com os adultos, entre as crianças e estas com o meio [...]” (NOAL, 2006, p.132)

Tudo isso, além de contribuir visivelmente para torná-las mais maduras em relação às crianças da mesma idade não indígenas, parece gerar uma situação tranquila para as mães que participavam da etapa presencial, podendo dedicar bastante tempo ao estudo sem serem requeridas pelos filhos. As crianças sabem onde as mães estão e o que estão fazendo, se sentirem necessidade de ficarem perto delas, simplesmente entram na sala de aula e ficam ao lado delas, ou mesmo no colo. Quando ainda amamentam, tomam o peito e mamam. Se quiserem falar com a mãe, cochicham no ouvido. Ao ficarem entediadas na sala de aula, retornam para a brinquedoteca ou para pátio, retomando o contato com a babá, as monitoras ou outras crianças.

Um fato que me chamou atenção foi em uma situação na qual, quando perguntei as crianças se elas eram indígenas, e na ocasião todas eram, a maioria negou, com exceção dos mais velhos, acima dos 12 anos. Inclusive um garoto, de cerca de 5 anos, por ter a pele clara, me falou que ele era diferente dos demais, que ele era japonês. A pedagoga Veronice Rossato, escreve que “Ao longo dessa história de espoliação, preconceito e discriminação, uma das estratégias que eles usaram e ainda usam para sobrevivem, é muitas vezes, a de esconder sua identidade” (ROSSATO, 2002, p. 30). Isto parece indicar que a percepção que as crianças têm, mesmo que inconscientemente, que podem sofrer pela simples afirmação de sua identidade. Tal percepção me pareceu bastante triste, mas reveladora da violência simbólica envolvida nas relações entre indígenas e não indígenas, no cenário multiétnico de Mato Grosso do Sul. Também pode ter contribuído para a negação o fato de estarem em um ambiente não familiar e, tradicionalmente não indígena, ou seja, na universidade. Parece que na insegurança sobre as consequências de se afirmarem indígenas preferiram negar essa condição, o que mais uma vez aponta para o alto grau de maturidade dessas crianças, que desde cedo desenvolvem grande percepção para as relações que se estabelecem no ambiente de vida.

Na brinquedoteca um garoto me chamou particularmente a atenção. Ele se mostrou muito interessado em fazer amizade. Gabriel é seu pseudônimo. Ele tem cerca de 14 anos, neto rezadeira e filho de liderança, conforme me contou. Ele fazia desenhos maravilhosos, dizia que antes queria ser estilista, mas mudou de opinião ao ver um cabelereiro na televisão, pois ficou fascinado com o seu trabalho. Eu acredito que nosso interesse tenha sido recíproco, ele queria saber muito sobre mim.

Sobre os estudos, me falou que odiava a escola, que lá só tinha uma amiga e que os professores também não gostavam dele, mas que por ser filho de liderança o suportavam. Ele tinha medo de que seus pais morressem, pois me falou que também seus irmãos não gostavam dele e que assim que pudesse, sairia da aldeia. Esse garoto parecia ter “tendência” a homossexualidade, o que só poderia ser atestado por profissional especializado. De todo modo, demonstrava grande insatisfação com a situação vivida pelos jovens na aldeia. Relatou que teve uma prima que se enforcou e que também já pensou em fazer o mesmo.

Apesar de desconhecer a questão da homossexualidade Kaiowá presenciei uma situação o embaraço do garoto. Enquanto brincavam de bola com as demais crianças uma garota o excluiu e pediu para que eu também o excluísse da brincadeira por ter as unhas compridas e ser gay. Esse menino me pareceu bastante frustrado por não conseguir se integrar plenamente à sua sociedade e nem completamente na sociedade não indígena. Pesquisadores dos Kaiowá e Guarani tem relatado a dificuldade de respostas às questões colocadas a identidade desses índios na situação histórica atual:

“A ansiedade e a incapacidade de dar uma resposta à questão de sua identidade (...) produz uma enorme incerteza quanto ao próprio sentido da vida...”(1987:9). [E continua] “... o suicídio quase sempre se dá numa época em que está existindo uma mudança interna individual, mudança esta que é negada, o individuo quer ser reconhecido pelo que era, ou pelo que queria ser” (AZEVEDO apud, BRAND, 1997, p. 172)

Além de ficar com as crianças na brinquedoteca, fiz entrevistas com os acadêmicos, foram quatro entrevistados e as perguntas giravam em torno da infância, adolescência e a vida adulta.

Pseudônimo	Idade	Sexo	Etnia	Ocupação
Maria	15	F	Guarani-Ñandeva	Babá
Vanderléia	19	F	Guarani-Kaiowá	Babá
Eliane	30	F	Guarani-Ñandeva	Acadêmica
Antônio	21	M	Guarani-Kaiowá	Acadêmico

As respostas das questões sobre quais os tipos de brincadeiras que realizavam na infância apontam para a importância da diferença geracional. Isto porque, para os mais novos, as principais brincadeiras da infância eram bolas e bonecas, enquanto para Eliane, a mais velha dos entrevistados, o principal divertimento era o rio. Segundo Eliane, naquela época as crianças tinham mais liberdade. Ela se lembra que naquele tempo as meninas e meninos iam para o rio juntos, ficavam nus e não tinham vergonha uns dos outros, hoje ela diz que as coisas são diferentes, que isso não acontece mais.

A passagem para a adolescência para as garotas se dá entre os 11 e 14 anos e tem como marco a primeira menstruação, nesse período alguns cuidados especiais são requeridos como não sair de casa ao entardecer. O motivo do cuidado é evitar o risco de ser atacada por algum animal, como onça por exemplo.

“Começa outra etapa com a menstruação da menina, quando ela fica reclusa em casa, cortam-lhe bem rente os cabelos e deve tomar uma série de cuidados rigorosos, pois corre alguns perigos míticos. Apesar de muitas jovens escolarizadas tentarem esconder esse fato, na verdade, uma grande parte delas também passou/passa por essa iniciação. Nesse período a menina recebe instruções sobre o bom comportamento como mulher e como futura esposa e mãe.” (ROSSATO, 2002, p. 52)

Segundo Eliane, sua mãe a instruiu a não comer muita carne, além de ser necessário tomar banho e lavar a cabeça com um chá de ervas na menarca, e evitar falar mal ou xingar as pessoas, pois se esses comportamentos fossem adotados nesse período seriam levados por toda vida.

Maria aponta que na menarca teve que cortar o cabelo bem curto, - fato que ocorreu contra a sua vontade, mas por insistência dos pais - e ficar reclusa em casa durante uma semana. Para a garota a situação foi um tanto constrangedora e na escola por vergonha de que seus colegas soubessem deu a desculpa de estar doente. Nesse mesmo período, ela começou a cuidar da casa e das crianças, e caso não o fizesse, ela poderia, como punição, ter muitos filhos no futuro.

Segundo Pereira (1999), “A mulher costuma gozar de muita liberdade no período que vai do início da puberdade (+/- 12 anos) até o casamento. É um período de muita mobilidade, sai com as amigas, joga futebol, vai às festas, visita parentes, etc.” (p. 151). Porém, o que me relatou Maria, é que, em sua família, os pais continuaram segurando as rédeas, não permitindo que ela namorasse, fosse à festas entre outras proibições. Segundo explicou, seus pais entendiam que as moças só poderiam ir a festas quando se casassem, e é nesse momento que a juventude se encerra, iniciando a fase adulta.

Vanderléia que é órfã de mãe e foi criada pela tia, não recebeu nenhuma instrução nem teve cuidados especiais. Contou-me que, com a primeira menstruação, pensava estar doente e que poderia morrer.

Na estrutura social guarani, Vanderléia é uma *guacho*, termo que “É aplicado [...] à criança que por algum motivo não reside com os pais e foi adotada em outra família.” (Pereira, 1999, p. 155). Pereira aponta ainda que, há a diferenciação entre os próprios filhos e os adotados, “no último caso, forja-se uma espécie de pessoas situadas numa posição subalterna na estrutura de prestígio e poder.” (Idem, p. 156). Essa posição subalterna foi evidenciada por, além de não receber instruções e cuidados, ser babá da sobrinha e ser responsável por todo o cuidado de casa.

Sobre casamento, de acordo com o modelo que os Kaiowá e Guarani entendem como tradicional, e praticado por uma parcela da população, o casamento da menina pode se dar a partir da segunda menstruação, podendo então se dar numa fase da vida em que os não indígenas consideram como criança ou pré-adolescente. É preciso ter claro que o amor romântico e o casamento também são signos da sociedade culturalmente predominante e são concebidos de outra maneira pelos Guarani/Kaiowá (SCHADEN, apud NOAL, 2006, p.124). Ele inaugura um novo ciclo de vida, sendo também importante para ampliar alianças. As mães tendem a influenciar nas escolhas matrimoniais dos filhos, independentemente do sexo, enquanto os pais agem de forma mais sutil.

“O indivíduo que contrai o matrimônio tem participação ativa na escolha de do seu parceiro matrimonial, é dele que depende em última instância a escolha, mas ele tem consciência de que a escolha que realiza terá grande influência em suas oportunidade e opções futuras. Neste sentido, as escolhas pessoais tendem a coincidir com o desejo da parentela, pois casar de maneira considerada correta significa credenciar-se para o exercício de funções políticas importantes” (PEREIRA, 1999, p. 111)

Com o casamento, Pereira (2009) aponta que “os filhos fazem necessariamente parte da paisagem da casa e sem eles o casamento fica incompleto e dificilmente sobrevive.” (p. 97) O período da gestação e do nascimento da criança também requer cuidados especiais, pois “está diretamente relacionado com a saúde e a formação física e espiritual da criança” (NOAL, 2006, p. 157)

“Para assegurar a vida e alma da criança, a preparação começa na gravidez. A mulher não pode comer alimentos pesados, além de outra série de cuidados e proibições que poderiam afetar negativamente a alma da criança em formação. Assegurar o crescimento de sua alma é a maior preocupação dos pais durante o primeiro ano de vida da criança, e todas as prescrições e proibições, tanto para a mãe como para o pai, têm em vista este objetivo. A criança recebe o máximo de atenção, nunca é deixada só nem se pode deixá-la chorar. O desenvolvimento da sua alma é

considerado completo quando o bebê começa a falar, e nesse momento o cacique pode descobrir seu nome, ou seja, o nome de sua alma.” (ROSSATO, 2002, p. 52)

Voltando os entrevistados, Eliane se casou com 26, Maria pensa em se casar com lá pelos 20 anos e Antônio só depois que acabar a faculdade.

“Na aldeia, a escola, de maneira geral, ainda representa uma possibilidade de ascensão social, de domínio da língua portuguesa e dos conhecimentos da sociedade culturalmente predominante para que possam reivindicar melhor os seus direitos e ser menos enganados.” (NOAL, 2006, p.25)

A escolarização das meninas e a adoção de estilos comportamentais não indígenas parecem contribuir para que os casamentos aconteçam cada vez mais tarde. O estudo é tido como algo muito importante e muito prezado pelos pais, além de ser fundamental para pensar em constituir uma família.

A estrutura familiar é algo em transformação. Schaden (1954) apontou que a taxa de natalidade nos grupo Guarani é bem elevada, que a mulher Guarani deseja ter muitos filhos, e que a média geral é uns dez a doze no curso da vida (p. 32/33), mas hoje para esses indígenas escolarizados, a média ideal é cerca de dois filhos. O que é realmente um número bastante reduzido se comparados às gerações anteriores, a mãe de Maria, por exemplo, tem cinco filhos, e a de Eliane tem dez. Para essa última, a redução no número de filhos se dá pela dificuldade de criá-los; ela que já tem uma menina diz quer ter mais um, ter dois filhos está de bom tamanho.

A separação, embora não faça parte dos valores tradicionais, é muito comum, “Em média estimada, a pessoa passa por cerca de quatro casamentos ao longo da vida.” (PEREIRA, 1999, p. 113).

Outro aspecto interessante que Eliane apontou é que sua mãe sempre lhe ensinou muito a tradição, mas que quando ela era jovem ela não dava valor, porém hoje, principalmente depois de cursar o *Teko* ela reconhece a importância desses conhecimentos, chegou a relatar a importância dos saberes tradicionais, em uma situação em que a filha estava doente e nenhum medicamento receitado por médico surtiu efeitos e o que teria curado sua filha foram as ervas.

Falou também que deseja passar todos esses conhecimentos tradicionais para sua filha, mesmo que ela não queira seguir, ela vai ensinar, e relatou que tem medo que quando sua filha cresça negue suas origens.

Tive oportunidade de visitar o alojamento dos acadêmicos no dia de uma reunião política e parece haver equidade de direitos no que se refere ao uso da fala nos espaços públicos que visitei, porém as mulheres são muito mais enérgicas que os homens.

“as mulheres gozam de salvo conduto para falarem de tudo, de todos e a qualquer hora, “língua de mulher ninguém segura”, dizem consternados os kaiowá. [...] Parece que o papel de manter o frágil equilíbrio político entre as parentelas é responsabilidade masculina, o que faz com que sejam mais comedidos nos ataques recíprocos, evitando provocar atritos que não possam administrar. Em situações de impasse, as mulheres não hesitam em interferir publicamente nas reuniões, manifestando toda a indignação com a incapacidade masculina em resolver problemas, o que parece ser uma grande desmoralização para os homens, que reclamam muito deste tipo de comportamento das mulheres.” (PEREIRA, 1999, p. 122)

Em outra reunião, na qual os acadêmicos discutiam sobre o financiamento dos custos do curso, a constatação foi a mesma, além disso, elas falaram do modo como os indígenas vem a relação com o dinheiro. Dirce, uma das mulheres que tomou a palavra disse “O dinheiro é coisa boa, quando tem, ele tá aí pra gastar. Nós não sabemos guardar.” Pereira (2009), aponta que são as mulheres que cuidam da economia doméstica, pois os homens tendem ao esbanjamento.

É importante sublinhar que os entrevistados são pessoas escolarizadas e/ou com contato intenso com o segmento não indígena, resultando na incorporação de várias práticas e valores que não são próprios de sua cultura tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que o contato com o entorno e o atual cenário de vida “favorecem a reformulação de atributos culturais associados a cada um dos sexos e a posição geracional.” (PEREIRA, 2009, p.81), e que assim, há uma realocação de poder e prestígio, no qual as mulheres vêm ganhando cada vez mais espaço já que com a saída dos homens elas são responsáveis, juntamente com os mais velhos, pela reprodução da cultura tradicional.

Porém, como a cultura não é estática, essas mulheres não ficam estagnadas no tempo, mas sim se atualizam no dialogo com a cultura não indígena, muitas delas buscando o ensino superior, nesse sentido, o *Teko*, a meu ver e pela fala de Eliane, vem resgatando seus modos de ser e viver tradicionais e a educação escolar indígena, intercultural e bilíngue, conduzido pelos próprios professores indígenas, é de suma importância nesse processo, por lhes dar a oportunidade serem ativos na construção de seu próprio futuro.

BIBLIOGRAFIA

- BRAND, Antônio Jacó; FERREIRA, Eva Maria Luiz Ferreira; AZAMBUJA, Fernando de. 2008. **Os kaiowá e guarani e os processos de ocupação de seu território em Mato Grosso do Sul**. In.: ALMEIDA, Rosimeire Aparecida de (org.). A questão agrária em Mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar. Campo Grande, MS: Ed. UFMS.
- BRAND, Antônio Jacó. 1997. *O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra*. Porto Alegre. Tese (doutorado em História) - PUC/RS.
- _____. 1993. *O confinamento e seu impacto sobre os Pai-Kaiowá*. Porto Alegre. Dissertação (mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre.
- COHN, Clarice. 2005. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Coleção Passo a passo)
- GOFFMAN, Ervin. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**, 1980, Brasil, Zahar Editores.
- LOURENÇO, Renata. 2008. **A política indigenista no Estado Republicano junto aos índios da Reserva de Dourados e Panambizinho na área da educação escolar (1929 a 1968)**. Dourados, MS: UEMS.
- MELIÁ, B., GRÜNBERG, G., GRÜNBERG, F. 1976. Etnografia Guaraní del Paraguay Contemporáneo: Los Pai-Tavyterã. *Seplemento Antropológico*. Assunción: Centro de Estudios Antropológicos de La Univerdad Católica.
- NOAL, Mirian Lange. As crianças guarani/kaiowá: *O MitãReko* na aldeia Pirakuá/MS. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade Estadual de Campinas.
- PEREIRA, Levi M. 2009. A criança kaiowa no seio da família: uma abordagem preliminar das relações geracionais e de gênero no microcosmo da vida social. In: *Educação infantil: história e gestão educacional*. OLIVEIRA, Lindomar C. V., SARAT, Magda (organizadoras). 2009. Dourados, MS: Editora da UFGD.
- PEREIRA, Levi M. 2004. **Imagens Kaiowá do Sistema Social e seu Entorno**. Tese de doutorado em Antropologia (etnologia). Universidade de São Paulo – USP.
- SCHADEN, E. 1974. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. (10 Ed. 1954) 30 Ed. São Paulo: EPU/EDUSP.

- SILVESTRE, Célia M^a Foster. Entretempos: experiências de vida e resistência Kaiowá e Guaraní a partir de seus jovens. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. 1996. A conquista da América: a questão do outro. Tradução de B. P. Moisés. Martins Fontes, São Paulo.
- TROQUEZ, Marta Coelho Castro. 2006. **Professores índios e transformações socioculturais em um cenário multiétnico:** a Reserva Indígena de Dourados (1960-2005).Dissertação (Mestrado em História). Dourados, MS: UFGD.